



DE EXECUTIVOS A GUERREIROS DE SELVA:

a Amazônia vivida na prática

Por Suelen Rodrigues

Um calor de aproximadamente 35°C, umidade do ar em 95%, um belo arco-íris ao cair da tarde e uma acolhedora banda do Exército aguardavam a chegada dos alunos do curso de pós-graduação em Estratégia Militar para a Gestão de Negócios, em Manaus, no Estado do Amazonas. A viagem, realizada pelo Centro de Estudos Estratégicos da FAAP entre os dias 20 e 25 de julho, faz parte do conteúdo pedagógico do curso, proporcionando aos empresários e executivos de diferentes áreas a oportunidade de conhecer na prática os conceitos aplicados em sala de aula ao longo desse primeiro semestre.

Nomeada **FAAP Amazônia**, a comitiva seguiu por seis dias estudando as principais características e pontos estratégicos da região, desde a fauna e a flora, por meio de um passeio fluvial que trouxe uma dimensão ambiental e sociocultural da região, até o coração do controle e da defesa amazônicos, como os Sistemas de Proteção e Vigilância da Amazônia (SIPAM e SIVAM), o Cindacta IV e o Comando Militar.

Os estudos prosseguiram até a fronteira, na cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM) e na comunidade Maturacá, próxima ao pico da Neblina, onde está alocado o 5º Pelotão Especial de Fronteira.

Uma peculiar saudação despertou curiosidade entre os integrantes da comitiva: a palavra **selva**. A calorosa receptividade dos militares, sempre acompanhada da banda

do Exército, vinha seguida de um sonoro “**selva**”, como representação de orgulho e devoção. Cada cumprimento militar era assim finalizado. No entanto, sua pronúncia não se fazia de maneira simples. A entonação da primeira sílaba – ‘sel’ – era comprimida, e a segunda – ‘va’ – soava com força e virilidade, emitindo um som que, mesmo com longos treinos, nenhum dos integrantes da comitiva conseguiu imitar. Mesmo assim, “**sel-va**” foi incorporada ao vocabulário durante toda a viagem.

As atividades tiveram início em Manaus, a bordo do *Expresso JS (Manaus/AM)*, embarcação que teve como destino o “encontro das águas” – belíssimo fenômeno da junção do rio Negro com o rio Solimões. Em decorrência da diferença de temperatura, densidade e velocidade das águas, os rios correm lado a lado, visualmente, de seis a dez quilômetros, sem se misturar. Cientificamente, segundo o guia e sargento Glauciomar Francisco Ramos, esse processo de aclimação dura de 110 a 120 quilômetros.

“O choque acontece porque o rio Solimões tem água barrenta, veloz e de temperatura fria – já que sua nascente é na Cordilheira dos Andes –, enquanto a água do rio Negro é quente e praticamente parada, semelhante à de um lago, cuja cor vem da absorção de toda a seiva da vegetação desde a nascente, no Alto Rio Negro”, explicou o sargento Glauciomar F. Ramos.

Alunos do curso de Estratégia Militar para a Gestão de Negócios da FAAP desbravaram os principais pontos estratégicos da Amazônia e trazem como lição de casa comprometimento, liderança e dedicação

O primeiro contato com a imensidão amazônica causou encantamento entre os empresários, alunos do curso, que começaram a avaliar de perto as riquezas naturais e a impossibilidade de domesticação da região. “Estou impressionado com a possibilidade de os nativos sobreviverem em locais tão distantes e em condições tão precárias”, comentou o economista Luiz Carlos Nigro, aluno do curso.

Ao longo de quase quatro horas, os tripulantes navegaram por uma via fluvial com infra-estrutura semelhante às tradicionais rodovias, com direito a postos de abastecimento no rio, barcos em construção, comunidades flutuantes – como a Catalão, cujas casas são construídas sob a árvore açacu e podem se locomover livremente pelos rios –, além do comércio de artesanato.

A visita ao flutuante do “Belo” culminou no encontro com uma sucuri, filhotes de jacarés e bicho-preguiça. Um criadouro de pirarucu, peixe tradicional da região, também foi visitado. Como aperitivo, a comitiva degustou carne de jacaré e de arraia.

“Não se pode entender a Amazônia, suas necessidades, desafios e potencialidade sem conhecê-la. Por isso a importância de proporcionar aos membros do curso uma visão ambiental, econômica, sociocultural, política e militar da região”, explicou o general Antonio Luis da Costa Burgos, coordenador do curso de Estratégia Militar para a Gestão de Negócios.

A primeira etapa, ambiental, seguiu um trajeto pelo rio Negro, passando pelo Furo do Xiborena – canal que liga o rio Negro ao Solimões – e desceu pelo Furo do Paracubba, chegando ao lago Janauari. O percurso incluiu alguns

momentos em que os igapós – floresta dentro da água – eram predominantes. A comitiva teve oportunidade de observar as comunidades ribeirinhas, que sobrevivem da caça e da pesca. O inusitado é que, mesmo em meio à floresta, as moradias passaram a ter energia elétrica devido à implantação do programa *Luz para Todos*, do governo federal.

DEFESA E PROTEÇÃO

Após o percurso fluvial, a comitiva se deslocou para o SIPAM (Sistema de Proteção da Amazônia), responsável pela coleta, sensoriamento, monitoramento e reprodução de informações da Amazônia Legal, praticamente em tempo real. Criado na década de 1990 pela Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, em conjunto com o Ministério da Justiça e da Aeronáutica. Recebidos pelo capitão-de-fragata Wagner A. de Lima Gonçalves, assessor militar, os empresários tiveram acesso à estrutura tecnológica que compete ao SIPAM, bem como à árdua missão dos responsáveis em proteger mais de 3 milhões de km² de floresta contínua.

Seu objetivo é promover a inclusão social, a proteção e o desenvolvimento da Amazônia. É também responsável pela disponibilização de 700 terminais usuários em toda a Amazônia Legal, que permitem a comunicação com locais remotos como reservas indígenas, parques nacionais e áreas de fronteira.

Durante a palestra, os alunos conheceram as instalações do Centro Técnico e Operacional (CTO), que realiza o trabalho de coleta, visualização, tratamento de dados e planejamento de ações. O processamento dessas infor-



O grupo da FAAP assiste à palestra do geólogo João Frederico Guimarães Cruz, do Departamento Nacional de Pesquisa Mineral, em Manaus (AM), no quartel-general do CMA.



A comitiva da FAAP no SIPAM/SIVAM, em Manaus, ouvindo a exposição do capitão-de-fragata Wagner A. de Lima Gonçalves.

SOBERANIA

044

A comitiva da FAAP após a palestra no CINDACTA IV.

mações é realizado em três regionais: Manaus, Belém no Pará e Porto Velho em Rondônia. O Centro de Coordenação Geral fica em Brasília, no Distrito Federal.

Entre as principais atribuições do SIPAM estão: apoiar e contribuir com órgãos parceiros no controle de desmatamento; combate à biopirataria; proteção de terras indígenas; defesa da fronteira; conservação dos recursos minerais estratégicos; divulgação de dados meteorológicos e de climatologia; incentivo à pesquisa na região.

Para isso, conta com aeronaves de sensoriamento – capazes de identificar áreas de desmatamento e campos de pouso ilegais, mesmo que encobertos por nuvens e chuva –, câmeras com recursos infravermelho, TV zoom e TV Teleobjetiva, sistemas de rádio portáteis e veiculares, a fim de captar o maior número de informações possíveis. O sistema mantém ainda uma Intranet de dimensões continentais que permitem a comunicação com todos os núcleos.

Ainda assim, faltam materiais suficientes para monitorar toda a extensão amazônica. Segundo o capitão Gonçalves, um satélite próprio, mais aeronaves de sensoriamento e o envolvimento dos países onde a Amazônia se faz presente certamente resultariam em um trabalho mais eficaz. “Dentro do que foi proposto, estamos cumprindo nossa missão, que é possibilitar conhecer a Amazônia que é nossa”, declarou o capitão. A expansão de um sistema integrado como o SIPAM em todo o País também foi cogitado.

No Cindacta IV, não foi diferente. Embora firme e convicto no cumprimento de sua missão, o brigadeiro-do-ar Carlos



Atualmente, a Amazônia é defendida por 25 mil homens, divididos em cinco brigadas e duas regiões militares

Eurico Peclat dos Santos, responsável pelo Cindacta IV desde agosto de 2007, também ressaltou a importância de se investir mais em equipamentos e recursos.

Responsável pelo controle das aeronaves civis e militares de aproximadamente 5,2 mil km² – equivalentes à Amazônia Legal –, o brigadeiro Peclat conta com 26 destacamentos (parte de uma tropa que trabalha afastada de sua unidade), dez unidades de telecomunicação autônomas, 394 rádios VHF, 18 rádios UHF, 54 rádios V/UHF e mais de 50 radares, entre muitos equipamentos de suporte para manter a integridade e a soberania do País. No total, são 276 controladores de voo, com respaldo de 1.190 militares e mais 58 civis nas operações dos bastidores.

As cinco aeronaves de vigilância e as três de sensoriamento são designadas a atender tanto o Cindacta IV quanto os Cindacta I, II e III, que monitoram o espaço aéreo de todo o território nacional. “Não sei precisar o número ideal, mas gostaria de ter pelo menos 50 aeronaves de sensoriamento para monitorar a região”, enfatizou Peclat.

O brigadeiro-do-ar Carlos Eurico Peclat, comandante do CINDACTA IV, recebe um mimo da FAAP após sua palestra.





A palestra do general Jesus Corrêa.

SOBREVIVÊNCIA NA SELVA

No Comando Militar da Amazônia (CMA), também em Manaus, a comitiva foi guiada pelo general João Carlos de Jesus Corrêa, comandante em exercício na ausência do general Augusto Heleno Pereira, e pôde compreender o significado do lema “**Vida, Trabalho e Combate**”.

Mentor da defesa da soberania amazônica, o CMA tem como sua principal lição o trabalho em equipe. “Na Amazônia, tudo é feito em parceria”, declarou o general Jesus Corrêa, referindo-se à ajuda da Força Aérea Brasileira (FAB) e da Marinha. “Aqui, da primeira tábuca ao último prego, tudo foi transportado pela FAB”, enfatizou.

A Amazônia Legal, definição política que abrange os sete Estados da região Norte – Amazonas, Pará, Roraima, Amapá, Acre, Rondônia e Tocantins –, além do Mato Grosso e parte do Maranhão, em grande parte não possui outra forma de deslocamento senão por via aérea ou fluvial. Considerando-se uma linha reta, as distâncias equivalem a dois mil km norte/sul e três mil km leste/oeste.

Toda a região é atendida por apenas três rodovias: a BR 174, que liga Boa Vista a Manaus; a BR 364, que liga parte do Acre a Rondônia; e a BR 153, que vai de Belém a Brasília. No “miolo” da Amazônia, há 22 mil quilômetros de rios navegáveis.

Para preservar e defender a maior floresta e biodiversidade do planeta, o Comando Militar define estratégias que analisam tanto o contexto **externo** – dominado pelas narcoguerrilhas, neopopulismo, movimentos autonomistas e o aumento do poder militar dos países vizinhos – quanto



O chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia, general-de-brigada Jesus Corrêa, dá as boas-vindas à comitiva da FAAP.

o **interno**, que envolve o poder público e as divisões de terras indígenas.

“É muito interessante ver de perto como funcionam as estruturas estratégicas dos militares, o trabalho coletivo, as ações práticas desenvolvidas com idealismo. Com certeza há grande convergência de interesses entre militares e empresários”, declarou o aluno do curso e advogado Roberto Ferreira.

Segundo o general Corrêa, graças ao fortalecimento da democracia e à excelente relação diplomática que o Brasil mantém com os países da América Latina, não há ameaças iminentes de conflitos armados na região. No entanto, a riqueza de recursos naturais, a biodiversidade, o conhecimento tradicional e científico exigem o máximo de cuidado no monitoramento. E, no caso de algum imprevisto ocorrer, “com certeza nossos homens têm a melhor formação”, garante o general Corrêa.

A viagem proporciona aos alunos a oportunidade de conhecer na prática os conceitos aplicados em sala de aula



Uma tenente, instrutora do CIGS.



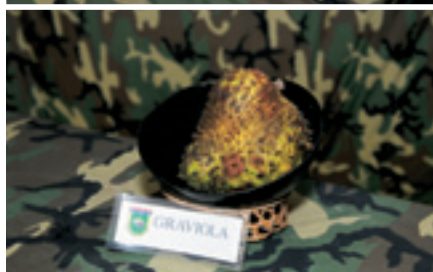
A comitiva da FAAP assiste a uma palestra do comandante do CIGS, tenente-coronel Barros.

Atualmente, a Amazônia é defendida por 25 mil homens, divididos em cinco brigadas e duas regiões militares. Do total, 60% do comando são formados por indígenas de diferentes etnias. “O nosso grande desafio é convencer a comunidade internacional de que o Brasil pode muito bem cuidar da Amazônia”, explicou.

Para isso, o CMA conta com o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), reconhecido como um dos principais centros de formação de combatentes da selva. Em atividade desde 1960, o CIGS já formou 4.500 oficiais brasileiros e 380 estrangeiros, num curso que exige muita dedicação, garra e persistência.

“São 11 semanas de curso, nove delas na selva. As aulas ensinam técnicas de combate e desenvolvem a análise cognitiva e afetiva, liderança e autoconfiança dos alunos, bem como realizam de avaliações físicas e psicológicas”, explicou o coronel Antônio Manuel de Barros, responsável pelo CIGS. Por ano, são realizados quatro cursos, com aproximadamente 50 alunos. Segundo o coronel Barros, formar um guerreiro de selva custa R\$ 40 mil aos cofres públicos. “Por isso as avaliações são primordiais, para que o

O grupo da FAAP acompanha a palestra do combatente da selva sobre alimentos e medicamentos de origem vegetal no CIGS e sua utilização para sobreviver naquele ambiente.



Itens de demonstração de alimentação e medicamentos de origem vegetal, no CIGS.



rendimento seja de 100%”, ressaltou. Os soldados são submetidos às condições naturais de dificuldade, como a umidade extrema, em decorrência das chuvas constantes. Como apoio, as bases de instrução têm médicos, farmacêuticos e UTIs (Unidades de Terapia Intensiva) móveis para casos de emergência.

“É muito importante que os alunos sigam as instruções corretamente, partindo, por exemplo, da retirada do coturno ao dormir, pois os pés precisam estar arejados para evitar a formação de feridas”, explica. A rabdomiólise, síndrome que se caracteriza por atacar o sistema imunológico e causar destruição muscular, também é fortemente combatida.

À comitiva **FAAP Amazônia** foram apresentadas algumas lições de sobrevivência na selva; dentre elas, como



Soldados de diferentes etnias saúdam a comitiva da FAAP em seus dialetos originais.



A turma da FAAP na 2ª Brigada de Infantaria de Selva, em São Gabriel da Cachoeira (AM)

saber se alimentar caso se esteja perdido na floresta. Os frutos e sementes comestíveis – como castanha-sapucaia, biriba, castanha-do-brasil, graviola, jatobá – não causaram tanta curiosidade e repulsa como a mais rica porção de proteína da floresta: o tapuru, larva que nasce da amêndoa apodrecida do babaçu. O “bichinho” foi degustado vivo por muitos dos corajosos alunos, como Hugo Tisaka, diretor da NSA Brasil. “Tem gosto de leite de coco”, comentou.

Além disso, os alunos tiveram a oportunidade de sobrevoar a capital amazonense em aeronaves rotativas do Exército – *Cougar* e *Black Hawk* –, em direção ao encontro das águas.

NA “CABEÇA DO CACHORRO”

Um dos pontos cruciais da expedição foi a visita a São Gabriel da Cachoeira (AM), terceiro maior município do País em extensão, com 112.255 km². Situada na região



O aluno Hugo Tisaka com um “Guerreiro de Selva”

Com 47 mil habitantes, São Gabriel da Cachoeira abriga 10% da população indígena do Brasil

conhecida como “cabeça do cachorro”, no Alto rio Negro, a cidade fica a 847 km da capital amazonense. De avião, a viagem dura aproximadamente três horas, ao passo que de barco demora entre três e quatro longos dias.

A beleza das correntezas do rio Negro, denominadas cachoeiras, deu nome à cidade. E é nela em que está localizada a 2ª Brigada de Infantaria de Selva, também conhecida como “Brigada Ararigbóia”. A comitiva foi recebida pelo general-de-brigada Ivan Carlos Weber Rosas. A brigada fica localizada na “sede” da cidade, como é chamada a região central, enquanto as demais regiões – como Maturacá, destino seguinte da comitiva – são nomeadas “interior”. Com 47 mil habitantes, São Gabriel da Cachoeira abriga 10% da população indígena do País, e esta corresponde a 97% de seus moradores, oriundos de 22 diferentes etnias existentes na região. Também por isso, a maioria dos soldados é de origem indígena. Durante a apresentação do batalhão para os visitantes, cinco etnias saudaram a comitiva em suas línguas locais, como cubeu, baré – dialeto nhengatu –, tukano, baniwa e pira-tapuia.

Como parte do percurso, a comitiva visitou o único hospital da cidade – hospital de Guarnição de São Gabriel da Cachoeira –, administrado pelo Exército. Construído em 1988 em um terreno da prefeitura, pelo governo do Estado, o prédio ficou desativado até 1995, quando os médicos do Exército passaram a coordenar os atendimentos à população.

Hoje, são 15 médicos, 15 dentistas, sete farmacêuticos e mais 200 funcionários, entre oficiais e civis, atenden-

do diariamente mais de 120 casos na emergência. “As principais causas são acidentes de moto, por ingestão de bebida alcoólica e falta de uso do capacete; doenças como malária, pneumonia, leishmaniose, infecções de pele (piodermites); e, ao menos uma vez por semana, picadas de cobra”, esclarece o major João da Silva Couto Lima, nefrologista e diretor do hospital.

Amplio, o hospital é equipado com enfermaria, unidade de terapia semi-intensiva, centro cirúrgico, 64 leitos, além de um laboratório que realiza exames de análises clínicas, uma sala de raio X e uma de ultra-sonografia. Nos casos graves, em que o hospital não consegue suprir as necessidades, os pacientes são transportados em aeronaves do Exército para Manaus.

“Fico orgulhoso de saber que existe esse comprometimento do Exército em regiões tão inóspitas como esta próxima à fronteira”, declarou Rafael Possik Jr., sócio da Agropastorial Ramalhete.

Mas, como disse o general Rosas, durante jantar para o qual convidou a comitiva **FAAP Amazônia**, manter as instituições no eixo não é tarefa fácil. As condições de sobrevivência, desde o recebimento de mantimentos, que chegam a cada dois meses de barco ou avião, até a garantia da ordem e a motivação dos soldados, exigem perseverança e crença no cumprimento da missão. “Admiro a gana e o respeito desses profissionais em cumprir o seu trabalho em favor da pátria. Acho que é esse comprometimento que falta na linha de frente das empresas”, enfatiza Hugo Tisaka, da NSA Brasil.



Meninos curumins de São Gabriel da Cachoeira (AM).



O aluno Moisés Lamberti, do curso de Estratégia Militar para a Gestão de Negócios, com indígenas, em Maturacá (AM).

MATURACÁ E OS IANOMÂMIS

A dificuldade aumentou na última parada da comitiva. Com destino a Maturacá, comunidade que fica a 14 km da fronteira com a Venezuela, foi visitado o 5º Pelotão Especial de Fronteira (PEF), também coordenado pelo general Rosas, da Brigada Ararigbóia.

A recepção emocionou a todos os participantes, que certamente se colocaram no lugar de cada militar representado sob um sol escaldante para entoar o Hino Nacional. Um sargento fez a Oração do Soldado Guerreiro da Selva, seguida da formatura do pelotão. “Vocês não estão sozinhos e nunca estarão”, disse o general Rosas aos seus 55 homens. No total, vivem aproximadamente 80 pessoas no pelotão de fronteira, entre soldados e famílias. O entorno é mata fechada e, a dez minutos dali, vivem cerca de 1.200 índios das comunidades Maturacá e Ariabu.

De etnia ianomâmi, a comunidade ariabu foi apresentada à comitiva, com suas casas de barro e precariedade extrema. A falta de dinheiro incentiva o escambo de mandioca, farinha e artesanato produzido pelas índias. Um detalhe que chama a atenção é a presença de antenas parabólicas e postes de energia elétrica. “Nós também queremos assistir à televisão, ver as novelas”, contou Julio Góes Pinto, líder da comunidade.

O retorno, primeiro para São Gabriel da Cachoeira e depois para Manaus, deixou um gosto de missão cumprida e a sensação de que apenas uma gota dessa imensidão amazônica conseguiu ser vivenciada. Com expectativas superadas, Moisés Lamberti, economista e diretor da Quantix, sabiamente pontuou: **“Essa viagem mudará a vida de todos nós”**.

A comitiva da FAAP Amazônia aprendeu diversas lições de sobrevivência na selva

Um indígena da aldeia ianomâmi de Maturacá (AM) produzindo farinha-de-mandioca.



O diretor do Hospital de Guarnição de São Gabriel da Cachoeira (AM), major Couto, falando à comitiva da FAAP.



Um instrutor do CIGS falando sobre a utilização do búfalo como meio de transporte na Amazônia.

